



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB**  
Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação  
Pós-Graduação Lato Sensu  
Secretaria de Estado de Educação do DF  
Curso de Especialização em Letramentos e Práticas  
Interdisciplinares nos anos finais - (6º ao 9º)

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA  
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

**KEILA FARIAS LIMA**

Brasília-DF, dezembro de 2015

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA  
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

**KEILA FARIAS LIMA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Letramentos e práticas interdisciplinares nos Anos Finais (6<sup>a</sup> a 9<sup>a</sup> série) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Letramentos e práticas interdisciplinares.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutoranda Iêda Vilas Bôas

Brasília-DF, dezembro de 2015

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES A PARTIR DA PERSPECTIVA DA  
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL**

KEILA FARIAS LIMA

Projeto aprovado em 05 de dezembro de 2015

Banca examinadora:

1º membro (Orientadora): Iêda Maria Vilas Boas Pereira \_\_\_\_\_

2º membro Interno: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Bortone \_\_\_\_\_

3º membro Externo Prof.<sup>a</sup> Msc. Jucelino Francisco Sales \_\_\_\_\_

## O QUE É LETRAMENTO?

LETRAMENTO NÃO É UM GANCHO

EM QUE SE PENDURA CADA ENUNCIADO,  
NÃO É TREINAMENTO REPETITIVO  
DE UMA HABILIDADE,  
NEM UM MARTELO  
QUEBRANDO BLOCOS DE GRAMÁTICA.

LETRAMENTO É DIVERSÃO  
É LEITURA À LUZ DE VELA  
OU LÁ FORA, À LUZ DO SOL.

SÃO NOTÍCIAS SOBRE O PRESIDENTE,  
O TEMPO, OS ARTISTAS DA TV  
E MESMO MONICA E CEBOLINHA NOS JORNAIS DE DOMINGO.

É UMA RECEITA DE BISCOITO,  
UMA LISTA DE COMPRAS, RECADOS COLADOS NA GELADEIRA,  
UM BILHETE DE AMOR,  
TELEGRAMA DE PARABÉNS E CARTAS  
DE VELHOS AMIGOS.

É VIAJAR PARA PAISES DESCONHECIDOS,  
SEM DEIXAR SUA CAMA,  
É RIR E CHORAR  
COM PERSONAGENS, HERÓIS E GRANDES AMIGOS.

É UM ATLAS DO MUNDO,  
SINAIS DE TRÂNSITO, CAÇAS AO TESOURO,  
MANUAIS, INSTRUÇÕES, GUIAS,  
E ORIENTAÇÕES EM BULAS DE REMÉDIOS,  
PARA QUE VOCÊ NÃO FIQUE PERDIDO.

LETRAMENTO É SOBRETUDO,  
UM MAPA DO CORAÇÃO DO HOMEM,  
UM MAPA DE QUEM VOCÊ É,  
E DE TUDO O QUE VOCÊ PODE SER.

Kate M Chong

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais que com suas histórias de vida me ensinaram que nenhuma adversidade é suficiente para fazer desistir quem nasceu para vencer.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades, e que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

À minha mãe que abriu mão dos próprios sonhos para cuidar de mim e dos meus irmãos, que sendo também pedagoga, sempre acreditou na educação como ferramenta para melhorar o mundo.

Ao meu pai por todo sacrifício durante longos anos em duras jornadas de trabalho para proporcionar a nossa família uma vida digna.

Aos meus irmãos que estão sempre torcendo pelo meu sucesso.

À minha orientadora professora Iêda Vilas Bôas pela compreensão e dedicação à elaboração deste trabalho. Obrigada por tanta paciência, e por todo o incentivo em continuar.

Aos professores que se dispuseram a comporem a banca examinadora pela honra de contar com suas avaliações.

Aos colegas que fizeram o curso junto comigo, obrigada pela troca de experiências e conhecimento ao longo desse tempo que estivemos juntos.

Aos professores, estudantes e familiares da escola onde trabalho. Por vocês estou sempre tentando melhorar minha prática.

A todos os professores que passaram pela minha vida. Hoje, trabalhando em escola, entendo ainda mais o importante papel que vocês tiveram na minha formação como cidadã e mais ainda, como pessoa.

Aos meus amigos que com suas palavras sempre mostraram admiração pelo trabalho que exerço, muito obrigada pelo carinho.

## SUMÁRIO

I.	Resumo.....	
II.	Introdução:.....	8
III.	Objetivos.....	
2.1-	Geral .....	12
2.2-	Específicos.....	13
III-	Pressupostos teóricos:.....	
3.1-	Surgimento da literatura no ambiente escolar.....	14
3.2-	O papel do fantástico nos livros destinados às crianças.....	18
3.3-	Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o ensino de literatura.....	20
3.4-	A formação do leitor literário.....	24
3.5-	Alternativas para se trabalhar a leitura literária.....	28
IV-	A pesquisa:.....	
4.1-	Metodologia.....	32
4.2 -	Campo de pesquisa.....	33
4.3-	Análise de dados:.....	34
4.4-	Resultados:.....	37
V-	Considerações finais:.....	38
VI-	Referências Bibliográficas:.....	40
VII-	Anexos:.....	

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas importantes reflexões acerca da leitura, do letramento literário, da família e do papel do orientador educacional. O que a família pensa sobre a questão do letramento literário? Será que elas compreendem a importância de leitura literária para a formação de seus filhos? Vemos muitos pais reclamarem de dinheiro na hora de comprar um livro para o professor desenvolver um projeto de leitura, mas não poupam esforços para darem aos seus filhos tablets e smartphones. E o que os jovens estudantes pensam a respeito da leitura hoje? Será que gostam de ler? A família oportuniza momentos para que os filhos tenham tranquilidade para ler? Fica o questionamento se na rotina dessas famílias há espaços de lazer que envolve a leitura de livros, se há ocasiões na qual se compartilham as histórias da família, dos antepassados. Qual a dinâmica que existe na família para se chegar na experiência da leitura? Pensando nesses pontos como importantes para a formação de um letramento literário, este trabalho propõe uma reflexão para compreender, ou ao menos conseguir um novo olhar sobre o tema: Letramento Literário: reflexões a partir da perspectiva da orientação educacional.

## I. INTRODUÇÃO

A leitura é um hábito importante para a formação de um cidadão crítico e de uma sociedade participativa e consciente dos seus direitos e deveres. Apesar disso o que se percebe é que o Brasil continua sendo um país com poucos leitores. As pessoas não têm o hábito de leitura e alegam os mais diversos motivos que vão desde o preço dos livros, à falta de tempo e o desinteresse. Quando algo se faz importante na vida de uma pessoa ela não poupa esforços para tentar alcançar aquele objeto de desejo. Visitar exposições, assistir peças de teatros, ir ao cinema, concertos de músicas entre outras coisas são atividades que, apesar de não serem acessíveis a todos, despertam o interesse pelos mais variados gêneros de leitura. Porém, não é determinante que uma pessoa goste de ler apenas se tais atividades fizerem parte de sua rotina. Para que a leitura seja um hábito na vida de uma pessoa é necessário entender onde se inicia o gosto pela leitura e pela leitura da literatura, quais aspectos da vida de uma pessoa o fazem gostar de ler e dessa forma tentar estimular este hábito a partir das mais diversas formas.

Segundo Roxane Rojo (2004) a escola e a educação básica são lugares sociais de ensino aprendizagem acumulado pela humanidade. Sendo este um ambiente de formação do leitor é interessante observar como se dá o início do processo desde a família até a chegada do estudante no ambiente escolar. Segundo a autora “falar na formação do leitor cidadão é justamente não olhar só uma das faces desta moeda: é permitir a nossos alunos a confiança na possibilidade e as capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão”(Rojo, 2004, p.7). É preciso entender como o processo e o gosto (ou não) pela leitura, pela literatura se dá desde o ambiente familiar e antes de chegar no ambiente escolar.

As histórias fazem parte da vida dos seres humanos e tiveram um lugar de destaque na evolução do homem, já que muitos ensinamentos eram passados de geração em geração de forma oral. Mesmo em nossos dias, a história ainda tem sua importância como veículo de informação, meio de conservação das tradições ou da difusão de novas ideias.

Júlio Cesar de Mello e Souza, que aqui será chamado de Malba Tahan<sup>1</sup>, cita em seu livro *A arte de ler e de contar histórias*, que histórias ficam gravadas em nossas mentes e que ao nos depararmos com situações idênticas somos levados a agir de acordo com a experiência que inconscientemente já vivemos na história que nos foi contada.

Fala ainda que “pais e professores bem orientados e inteligentes, empregam a história como meio eficaz de corrigir faltas, ensinar bons costumes, inspirar atitudes nobres e justas”(SOUZA, 1957, p.47). O conto está ligado ao processo de formar caráter, logo, os contos são como ferramentas que auxiliam no desenvolvimento emocional das crianças.

Malba Tahan traz referência de vários autores em seu livro para justificar e explicar a importância das histórias contadas em várias épocas e o seu papel na sociedade. Citando os autores Aurélio Buarque de Holanda<sup>2</sup> e Paulo Ronai<sup>3</sup>, Malba Tahan diz que os sacerdotes da nova religião descobriram no conto um excelente meio de propaganda, um veículo de suas doutrinas e que as lendas hindus ajudaram a estender a religião de Sidarta Gautama<sup>4</sup> em toda China. Outro exemplo citado da importância das histórias é que os trovadores, os segréis, os menestréis obtinham passaportes quando outros indivíduos não podiam obtê-los. E esses eram os que iam de palácio em palácio, de aldeia em aldeia contando histórias de gosto popular.

No caso da história infantil, Malba Tahan cita a professora Leda do Amaral Freire<sup>5</sup>, que diz que “para a professora primária, o conto infantil é uma chave mágica capaz de revelar mil segredos; uma alavanca com o poder de revelar milagres”. Contos, narrações, lendas, tradições também funcionam como uma ferramenta de motivação para os trabalhos da escola. Citando outra autora –

---

<sup>1</sup> Malba Tahan é o pseudônimo de que se vale Julio Cesar de Mello e Souza para contar suas histórias. Este formou-se como professor pela escola normal e depois engenheiro pela escola nacional de engenharia. Lecionou em diversos estabelecimentos como o Colégio Pedro II, a Escola Normal e na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de mais de uma centena de obras divulgou a cultura oriental no Brasil e na América do Sul.

<sup>2</sup> Aurélio Buarque de Holanda foi lexicógrafo, filólogo, professor, escritor e crítico literário brasileiro. Escreveu o livro “Mar de histórias” – Antologia do Conto Universal- em parceria com Paulo Ronai.

<sup>3</sup> Paulo Ronai- tradutor, revisor, crítico, professor de francês e latim no Colégio Pedro II, no RJ. Escreveu o livro “Mar de histórias” com Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>4</sup> Fundador do Budismo, também conhecido como Buda.

<sup>5</sup> Leda era professora e também foi diretora da Biblioteca Pública Infantil de Bagé.

Amaral Fontoura<sup>6</sup>, mostra que do ponto de vista psicológico uma história completa com sentido e enredo mostra-se como método perfeito porque: “atende à lei da aprendizagem em situação total, e, sendo um conto, apresenta sentido mais totalizador que uma simples frase” e o fator enredo desperta mais interesse e curiosidade na criança.

A professora Dirce Capanema Mateos Garrido<sup>7</sup>, também citada, diz que as ações educativas das histórias infantis visam aos seguintes objetivos: “expansão da linguagem infantil, estímulo à inteligência, aquisição de conhecimentos, socialização, revelação das diferenças individuais, formação de hábitos e atitudes sociais e morais, cultivo da sensibilidade e da imaginação, cultivos da memória e da atenção, interesse pela leitura”(TAHAN, 1957, p.52).

Outro autor que fala sobre a importância de contar histórias para as crianças é Bruno Bettelheim<sup>8</sup> que escreveu o livro “*A psicanálise dos contos de fadas*”. Ele coloca que os pais são a principal fonte de sustentação física e psicológica da criança. As decepções edípicas a induzem a desligar-se um pouco dos pais e faz com que consigam ter alguma satisfação emocional de pessoas que não são da sua família imediata. O autor explica que as crianças ficam desencantadas com os pais porque eles não conseguem se manter à altura de suas expectativas infantis e ela se torna física e mentalmente capaz de prover algumas de suas necessidades por si mesma, fase necessária para alcançar certa autonomia durante as etapas do desenvolvimento da criança.

À medida que os pais sentem que a criança é capaz de realizar mais coisas eles tornam-se menos dispostos a fazer as coisas por ela. Essa mudança nas relações é um enorme desapontamento para a criança: “é a decepção mais grave de sua jovem vida, que se torna infinitamente pior porque é infligida pelos que ela imaginava serem os credores de um cuidado ilimitado”(BETTELHEIM, 1980, p.85). A partir daí a criança terá um contato mais significativo com o mundo

---

<sup>6</sup> Amaral Fontoura - professor e escreveu o livro Metodologia do Ensino Primário.

<sup>7</sup> Professora – colaborou com um artigo sobre a ação educativa das histórias infantis no livro “Educação Pré-Primária”.

<sup>8</sup> Psicólogo austríaco nascido em Viena, de grande destaque histórico nos estudos sobre crianças com problemas mentais, sobretudo autistas. Discípulo de **Freud**, doutorou-se pela Universidade de Viena (1938). Logo em seguida foi internado pelos nazistas nos campos de concentração de Dachau e Buchenwald, ao ser libertado (1939), emigrou para os Estados Unidos. Nomeado pesquisador assistente da Progressive Education Association da University of Chicago, ganhou fama quando publicou um artigo de muita repercussão, sobre suas observações e experiências nos campos de concentração, *Individual and Mass Behaviour in Extreme Situations* (1943).

exterior e receberá do mundo alguns suportes emocionais, além da consciência das “limitações” dos pais e das falhas deles.

Bruno Bettelheim cita que a criança necessita recorrer à fantasia para não ceder ao desespero quando suas experiências mais amplas apresentam dificuldades. As crianças têm conquistas consideráveis que se tornam menores em virtude dos seus fracassos e por ela não ter compreensão do que é realmente possível. Essa decepção pode levar a criança a um desapontamento onde a mesma vai se fechar, se afastar do mundo a menos que a fantasia a ajude. Para o autor assim que a criança é capaz de imaginar (isto é, fantasiar) passa a existir a esperança pelo futuro e a dificuldade do presente torna-se suportável, mas se uma criança, por qualquer razão, é incapaz de imaginar o seu futuro de modo otimista, estabelece-se uma parada no desenvolvimento.

Os pais são os primeiros que devem inserir a criança em fantasias otimistas e caso isso não ocorra os contos de fadas não farão isso por si só. Para o autor embora a fantasia seja irreal, desperta bons sentimentos e dão esperança de que as coisas podem melhorar. Ao contar histórias para o filho, o pai encoraja o filho a ter esperança quanto ao futuro. Diante de todos esses exemplos vemos o quanto o letramento literário se faz importante para a vida das pessoas em várias etapas da vida.

Trabalho em uma Escola Classe da cidade satélite de Samambaia do Distrito Federal há sete anos. Uma das atribuições desse trabalho é justamente atender aos familiares de crianças que apresentam baixo rendimento escolar. Muitos destes alunos que atendo são de famílias que apresentam alguma dificuldade econômica, que são criados por pessoas diferentes dos pais biológicos. Estes quase sempre não participam do desenvolvimento e educação dos filhos deixando essa responsabilidade a cargo dos avós, ou de outros parentes. Este é um aspecto presente em muitas crianças que apresentam baixo rendimento. Muitos não têm o pai e a mãe para incentivarem nos estudos, e até mesmo para dar carinho e atenção.

Na prática pedagógica como Orientadora educacional, deparei-me com os seguintes relatos de alguns professores: “a gente parece que fala grego, eles não conseguem entender o que a gente pede para eles fazerem”, “eles gostam

de ler, mas parece não entenderem o que leram”, “acho que o único contato com esse tipo de leitura é aqui na escola, em casa, muitos não devem ter livros ou gibis”, “a gente empresta o livro, eles não têm cuidado e o livro volta todo estragado (quando volta)”. Esses relatos são frases de professores que se inquietam diante das atitudes dos alunos nas atividades que envolvem interpretação de textos, e projetos de leitura realizados na escola.

São muitas as dificuldades apresentadas pelos estudantes quando o assunto é leitura e interpretação de textos, jornais, livros, gibis. Muitas vezes o ato de manusear sem cuidado tais materiais revela a pouca importância que estes têm na vida dos estudantes. Esses aspectos interferem no rendimento escolar dos alunos que muitas vezes apresentam problemas relacionados ao comportamento em ambiente escolar, outras vezes se mostram desestimulados e sem vontade de realizar as tarefas propostas pelos professores.

A partir dessa realidade a escola vem buscando realizar atividades que estimulem os estudantes a terem o hábito de leitura como algo prazeroso, além de oportunizar que estes participem de atividades extraclasse como passeios ao teatro, cinema, museus. Apesar do desenvolvimento dessas atividades, as crianças se mostram desinteressadas quando têm que realizar uma tarefa que envolva leitura, interpretação ou momentos de silêncio e concentração.

Diante de tais fatos, faz-se necessário questionar o porquê de alguns alunos apresentarem tantas dificuldades já que a escola demonstra preocupação e propõe atividades diferenciadas com relação ao letramento literário dos alunos.

## **2.1- Objetivo Geral**

Conhecer quais as práticas de letramento literário que estão presentes no núcleo familiar da criança e se a história de vida dessas famílias faz parte desse letramento literário oferecido pela escola.

## **2.2- Objetivos Específicos**

- Identificar o grau de escolarização dos membros das famílias que são responsáveis pela educação e cuidado da criança;
- Apontar quais os eventos ligados à literatura são proporcionados, pela família, aos estudantes;
- Verificar se a família lê ou conta histórias para as crianças da família;
- Apontar quais os tipos de histórias as famílias costumam contar para seus filhos; (que tipo de histórias: clássicos universais, contos, lendas ou histórias de vida de algum parente);
- Observar como a escolarização das crianças é tratada pelos seus responsáveis;
- Identificar se as histórias de vida dos estudantes estão inseridas nas práticas de sala de aula;

### III. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

#### 3.1- Surgimento da literatura no ambiente escolar

Durante muito tempo a literatura representou diversas funções tanto no ensino linguístico, como na formação moral de uma pessoa ou como uma consciência de cultura com raízes clássicas greco-latinas. Apesar das diversas funções que exerceu e exerce até hoje em vários aspectos do desenvolvimento humano, cultural, isso não significa que por parte dos estudantes exista maior dedicação a ler obras literárias nas salas de aula, muito menos que a literatura fosse adequada ao interesse e capacidade destes. É possível citar como exemplo os contos de fadas infantis que eram contados entre os adultos e na presença de crianças, mas com significado e objetivos distintos para cada um.

Segundo Colomer<sup>9</sup>(2007), que traz um breve histórico sobre as leituras realizadas em ambientes escolares na Espanha, em 1825, as únicas leituras necessárias na escola primária eram a cartilha, o catecismo e as Fábulas de Samaniego<sup>10</sup> e um século mais tarde Dom Quixote passou a ser leitura obrigatória. Para a autora, em meados do século XIX alguns países começavam a escrever livros especialmente pensados e escritos para a etapa escolar, mas sempre levando em conta a função principal de instrução moral. Nesses livros haviam pequenos relatos edificantes, histórias humorísticas ou pequenas peripécias emocionantes. Havia em alguns livros poemas ou fragmentos, sequencias narrativas sobre diferentes aspectos educativos a partir da história de um protagonista infantil.

A mesma autora diz que na primeira metade do século XIX as escolas francesas adotavam livros de leitura coletiva no formato de “novelas escolares” que eram narrativas extensas e coesas, que às vezes estimulavam o conhecimento do passado, outras leituras faziam os leitores adentrar no espaço

---

<sup>9</sup> Teresa Colomer é formada em filologia hispânica e filologia catalã e doutora em ciências da educação. É professora de Didática da Língua e da Literatura na Universidade Autônoma de Barcelona. Publicou mais de 150 livros e artigos sobre literatura infantil e juvenil e sobre o ensino de literatura e da leitura.

<sup>10</sup> Félix María Serafin Sánchez de Samaniego Zabala foi um escritor espanhol famoso por suas fábulas de ensinamentos morais.

geográfico e outras ainda resultavam em um conjunto de propostas de articulação social.

Na etapa secundária o modelo de ensino literário tinha como objetivo o aprendizado prático para criar discursos orais e escritos e para tanto se baseava na leitura dos autores gregos e latinos em sua língua original. Os poemas e fragmentos eram utilizados como referências da coletividade cultural ou nacional e fábulas e contos morais curtos para educar em relação a valores e comportamentos.

É citado também que em 1882 programas oficiais franceses recomendavam que além das leituras de trechos de clássicos em voz alta, os professores deveriam emprestar livros para os alunos. Na Espanha era defendido o uso de obras de modo recreativo na biblioteca. Dessa forma foi sendo estabelecida a criação de uma tradição literária infantil no mundo anglo-saxão juntamente com a incorporação de mulheres à docência e às bibliotecas. Contudo a formação dos professores ainda era deficiente do ponto de vista literário. A leitura de obras completas e o uso da biblioteca tiveram lugar na escola de forma generalizada apenas quando mudou o modelo que havia permanecido do século XIX até o pós-guerra.

Outro destaque que Colomer (2007) faz é que as disciplinas das áreas de humanidades sempre defenderam que a construção social do indivíduo e da coletividade está diretamente relacionada com a literatura. Porém, constata-se que na segunda metade do século XX as sociedades começaram a redefinir a formação que esperavam que a escola oferecesse aos seus cidadãos já que se percebeu um fracasso no sistema educativo obrigatório que deveria atuar como um poderoso agente de divulgação da cultura e democratização social.

Com todas essas transformações sociais surgiu um novo perfil de estudante assim como, surgiu também uma nova composição de estudantes dessas aulas. Os estudos sobre a relação entre adolescentes e leitura mostraram que o modelo educativo que havia sido concebido para os setores minoritários da população era ineficaz para enfrentar uma escola de massas. O uso da palavra escrita, o desenvolvimento dos meios de comunicação e a

implantação de novas tecnologias também contribuíram para a ineficiência da literatura no modelo educativo. Como cita Colomer:

(...) a irrupção da comunicação audiovisual contribuiu para satisfazer a necessidade de fantasia própria dos seres humanos, além de oferecer outros canais para a formação do imaginário coletivo; ao mesmo tempo, os mecanismos ideológicos para criar modelos de comportamento e de coesão social acharam excelentes caminhos nos poderosos meios de comunicação; e, além de outras funções, como a de entreter e de informar, que estiveram principalmente a cargo da literatura em outras épocas, foram assumidas pelos meios de comunicação de massas e pelas novas tecnologias. (COLOMER, 2007, p.22).

Outros fatores que influenciaram a concepção da literatura em ambiente escolar foi o modo como as obras literárias circularam na sociedade. O consumo de livros e a produção editorial aumentou consideravelmente, houve também a internacionalização do mercado de livros e a cultura os difundiu de maneira distinta e a evolução das tendências artísticas em direção ao jogo intertextual completou um panorama configurado por uma grande quantidade de obras que aparece em um mesmo momento em muitos lugares. Esse contexto fez com que a função escolar de transmitir a literatura de uma forma uniforme e ordenada fosse modificada. A literatura passava agora a ser vista como uma imagem de bem cultural de acesso livre para todos e que seria escolhida a partir dos interesses pessoais de cada um.

Diante desse contexto de mudança o sistema literário buscou uma nova colocação em relação aos novos sistemas culturais e artísticos. A escola enfrentou e enfrenta muitos problemas como o consenso sobre a importância do ensino de literatura ou o efeito que podem ter na leitura as novas tecnologias. Para Colomer (2007):

Da perspectiva de uma escola que necessitava de novas formulações sobre o sentido da leitura literária, também resultou particularmente atraente que se passasse a caracterizar o texto literário como um 'gênero segundo', ou seja, como um discurso capaz de absorver todo tipo de formas de linguagem e de transformar as realizações linguísticas habituais no mundo comum - conhecidas como 'gêneros primeiros'- em outras formas próprias da comunicação literária. (COLOMER, 2007, p.26).

A autora explica que a alternância entre o gênero primeiro e gênero segundo introduz um distanciamento entre o leitor e os contextos de interação própria do mundo comum. Assim, as formas de representação da sociedade achadas na literatura lançam uma luz sobre o mundo conhecido, que reinterpreta para a leitora forma habitual de entendê-lo.

Da perspectiva psicolinguística deu-se atenção ao estudo dos processos psicológicos, em especial ao desenvolvimento, na criança, da noção de narração. No campo cognitivista desenvolveu-se a pesquisa sobre a leitura e processos da construção do significado do texto pelo leitor. Esses avanços fizeram com que o ensino escolar constituísse novas práticas de aquisição das estratégias e habilidades de leitura. Diante disso, Colomer (2007) destaca que:

(...) a educação literária serve para que as novas gerações incursionem no campo do debate permanente sobre a cultura, na confrontação de como foram construídos e interpretados as ideias e os valores que a configuram. Por conseguinte, tratava-se de desenvolver uma capacidade interpretativa, que permita tanto uma socialização mais rica e lúcida dos indivíduos como a experimentação de um prazer literário que se constrói ao longo do processo. O aprendizado, então, se concebe centrado na leitura das obras. (COLOMER, 2007, p.)

Assim, o objetivo do novo modelo de ensino literário fala do desenvolvimento da competência interpretativa e isso será trabalhado através da leitura. O que se percebe a partir desse histórico é que o conhecimento produzido como resposta para os questionamentos relativos ao ensino de literatura das últimas décadas abriu novos sentidos à literatura infantil e ao ensino de literatura.

Para Mortatti<sup>11</sup> (2014), é consenso que o ensino de literatura assim como a educação (escolar) desempenha papel fundamental na formação humana. A autora diz que o “ensino da literatura é um momento didático-pedagógico do ensino escolar formal, intencional e organizado que, por sua vez, integra o processo de formação (integral), com a finalidade de contribuir para o processo

---

<sup>11</sup> Maria do Rosário Longo Mortatti é professora Titular da UNESP- Universidade Estadual Paulista. Livre-Docente em Metodologia da Alfabetização (1997). Licenciada em letras (1957), Mestre em educação (1987) e Doutora em Educação (1991) pela faculdade de Educação da UNICAMP. É coordenadora do GPHELLB- Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil, criado em 1994. É presidente Emérita da ABALF- Associação Brasileira de Alfabetização.

de emancipação humana” (MORTATI, 2014, p.24). Vale ressaltar que quando a autora coloca o “direito à literatura” está falando sobre o direito à leitura literária de bons textos literários como “lugar de resistência à desumanizante (des) razão, à redução do ler e escrever a finalidades pragmáticas impostas por uma sociedade semiletrada” (MORTATI, 2014, p.27).

### **3.2- O papel do fantástico nos livros destinados às crianças:**

Poesias, contos, desenhos, músicas fazem parte da vida da maioria das crianças. Mesmo que estas não tenham acesso à tecnologia, com certeza terão ouvido uma história, um conto, ouvido músicas que retratam a cultura da qual fazem parte, e do repertório de identidade da própria família. Held<sup>12</sup> (1980) diz que pertencerá à literatura fantástica:

Toda obra na qual a temática, situação, atmosfera, mesmo a linguagem ou tudo isso junto, nos introduzirão num outro mundo que não o da percepção comum, diferente, estrangeiro, estranho, que nos permite voltar, pouco a pouco, ao longo da reflexão, a esses componentes (...) Assim, o paradoxo entre a criação em geral e o fantástico em particular é originar o que não era visível e nem existente, mas em que todos reconhecem, em maior ou menor prazo, o que deveria ser revelado. (HELD, 1980, p.30).

Nem todos esses instrumentos estão disponíveis para crianças com uma linguagem de significado concreto. Pelo contrário, são colocadas de maneira a despertarem o imaginário, o fantástico no pensamento infantil.

A criança necessita de algo além da sua realidade. Necessita de algo que a faça imaginar outras possibilidades para um mesmo fato. Segundo Held (1980), “a ficção responde a uma necessidade muito profunda da criança: não se conter com a própria vida. ” Nesse sentido é possível perceber que o imaginário da criança é importante para o desenvolvimento desta.

---

<sup>12</sup> Jacqueline Held é uma professora de psicologia e assistente da cadeira de filosofia na “École Normale d’Instituteurs d’Orléans”, poetisa, ensaísta e escritora.

Bettelheim (1980, p. 85) diz que os contos de fadas são confiáveis para as crianças porque a visão que é apresentada está de acordo com a delas. Quando a criança passa por alguma situação de dúvida e angústia, ela pode obter um consolo a partir da leitura de um conto de fadas. Porém, caso um adulto tente consolar esta mesma criança, usando seu ponto de vista e raciocínio provavelmente não obterá êxito já que não haverá identificação entre eles.

Outro aspecto levantado por este autor refere-se à construção da identidade pela criança. Para Bettelheim (1980, p.157) a partir dos 3 anos as crianças começam a indagar quem ela é, de onde ela veio, quem a criou, se há poderes benevolentes além dos próprios pais, se será perdoada ao errar. Muito embora algumas questões não levistem tanta preocupação (que varia a partir do contexto social no qual a criança está inserida) os contos de fadas vão fornecer as respostas a estas questões).

A criança desenvolve o sentimento de confiança no qual ela vai acreditar em si mesma, quando experimenta a sensação de segurança por um determinado tempo. Este sentimento fará com que ela seja capaz de resolver os problemas que a vida vai lhe apresentar. Bettelheim (1980) diz que:

Na verdade, a noção de uma mãe-celeste protetora pode ser uma limitação para a mente se ficar presa a ela por muito tempo. Nem as projeções infantis nem a dependência de protetores imaginários - tal como um anjo da guarda que vela por uma pessoa quando ela está dormindo, ou durante ausência da Mãe - oferece uma segurança real; mas enquanto uma pessoa não pode conseguir completa segurança para si mesma, as imaginações e projeções são bem mais preferíveis a nenhuma segurança. (Bettelheim, 1980,).

Este autor explica que a partir das histórias dos contos de fadas a criança pode aprender a acreditar que o que de início parece uma figura repulsiva e ameaçadora pode, de uma maneira mágica transformar-se em um amigo. A criança traz para a vida real aquele sentimento de segurança que desenvolveu a partir das histórias que lhe foram contadas. E se na história o herói consegue ser bem-sucedido a partir do enfrentamento dos medos, a criança acredita que pode fazer o mesmo. Nem sempre foi possível ter uma explicação racional para todas as questões que envolvem a vida. Quando o homem não conseguia uma

explicação racional do que estava acontecendo recorria aos mitos para justificar alguns fenômenos.

Bettelheim (1980) coloca que a humanidade usou do que ele chama de projeções emocionais, como por exemplo, os deuses, nascidos de esperanças e ansiedades para explicar o homem, a sociedade e o universo. Estas explicações traziam um sentimento de segurança. Depois, através do progresso científico e tecnológico o homem podia, de forma segura, questionar a validade dessas imagens.

O mesmo autor sugere que ao ouvir os contos de fadas, as crianças são encorajadas e tomam emprestadas da história, a esperança quanto ao futuro melhor diante dos sentimentos de incertezas pelo qual estejam passando. Sobre se o homem e a criança teriam realmente necessidade do fantástico em sua vida, Held (1980) diz que:

Assim, a narração fantástica reúne, materializa e traduz todo um mundo de desejos: compartilhar da vida animal, libertar-se da gravidade, tornar-se invisível, mudar seu tamanho e –resumindo tudo isso- transformar à sua vontade o universo: o conto fantástico como realização dos grandes sonhos humanos, sonhos frequentemente retomados pela ciência. (HELD, 1980, p.25).

Percebemos que a fantasia, o fantástico é importante tanto na vida dos adultos, quanto na vida das crianças e que as leituras de contos de fadas dão a estas o a esperança em um futuro melhor apesar de sua situação. A mesma autora coloca que a história fantástica não seria tão interessante se não nos ensinasse algo sobre a vida dos povos e dos seres, reunindo as preocupações e os problemas das pessoas.

### **3.3- Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o ensino de literatura**

Os PCNs entendem que o nível de leitura e escrita exigidos hoje são bem diferente e superiores aos que satisfizeram as demandas sociais de um tempo

atrás. Essa demanda implica que a escola reveja as suas práticas de ensino da Língua, bem como utilize atividades que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente.

Uma educação realmente comprometida com o exercício da cidadania, com pessoas que saibam exigir os seus direitos e realizam seus deveres de acordo com valores que prezem o respeito mútuo entre todos da sociedade precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem.

Consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais que a escola é o ambiente que deve viabilizar o acesso do aluno à diversidade dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e interpretá-los.

Sobre os textos literários os PCNs dizem que devem estar incorporados às práticas cotidianas da sala de aula, já que se trata de uma forma específica de conhecimento. Fala que a literatura não é cópia do real, e tão pouco o puro exercício de linguagem ou mera fantasia dos sentidos do mundo e dos homens.

A literatura pode ser tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, desde que se reconheça a sua relação indireta com o real. No plano da realidade a literatura pode ser apropriada e transgredida pelo plano do imaginário para mediar os signos verbais.

O ensino da leitura literária envolve, segundo os PCNs, o exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades que compõem um tipo particular de escrita. A partir dessa visão é possível afastar muitos equívocos que estão presentes na escola em relação aos textos literários, como por exemplo, usá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, ou para se estudar a gramática da língua padrão. Assim apresentados, de maneira descontextualizadas, não é possível formar leitores capazes de reconhecer as sutilezas, particularidades, sentidos e extensão das construções literárias.

Sobre a leitura, os PCNs conceituam da seguinte forma:

Como sendo um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características de gênero, do portador, do sistema de escrita etc. (...) a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (PCNs, 1998, p.41)

Como bem coloca os PCNs, o ato de ler envolve muito mais do que decodificar letras, tem a ver com o significado, contextualização, entendimento, interpretação do que se está lendo.

O leitor competente é considerado, segundo os PCNs, alguém capaz de selecionar, dentre vários trechos que circulam, o que atende a uma necessidade sua. É um leitor que compreende o que estava escrito, mas consegue perceber também o que não está escrito, identificando elementos implícitos. É alguém que estabelece relações entre o texto que lê e o associa a outros já lidos. Para se formar este leitor competente o mesmo documento diz que é necessário um trabalho em torno da diversidade de textos que circulam socialmente.

Este conceito vai ao encontro do conceito de letramento que segundo Melo<sup>13</sup> (2011):

O letramento refere-se ao hábito contínuo que o indivíduo tem de valer-se da condição de ser alfabetizado nas diversas situações, mostrando-se capaz de interagir com todas as modalidades de texto, seja produzindo-os ou interpretando-os (ler livros, jornais, pesquisar e comparar folhetos com preços em supermercados etc.). Nesse contexto, fatores culturais, políticos, interpessoais estão envolvidos no intuito de promover as atividades de leitura e escrita. (MELO, 2011, p. 30).

De acordo com a autora o sujeito letrado deve conseguir interagir com os vários campos de conhecimento, ampliando dessa forma sua competência linguística a partir do desenvolvimento de atividades significativas para o educando.

Melo (2011) diz ainda que durante o processo de letramento é vital que o educando tenha voz, que suas experiências sejam valorizadas e que este tenha

---

<sup>13</sup> Rosaria Duarte Melo- Apresentou uma dissertação para o Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Pesquisou sobre a poesia popular em sala de aula.

consciência do seu papel no processo de aprendizagem de leitura e produção de textos. Nesse contexto o professor assume um papel de mediador, devendo assim trazer à consciência do aluno informação que este já possui e que seria o ponto de partida para outros conhecimentos.

A partir desse contexto e desse novo olhar surge então, algumas questões relacionadas ao processo de alfabetização dos estudantes. De acordo com a autora, existe agora o desafio de promover práticas de ensino as quais “focalizem a alfabetização como parte do processo de letramento”(Melo, 2011), sendo assim o processo de alfabetizar deve ser simultâneo ao processo de letramento.

Outra questão citada por Melo (2011), refere-se a presença e a influência da oralidade na construção do letramento. Ainda é possível observar que há preconceito em relação aquelas pessoas que mantêm traços da linguagem oral em suas produções escritas. Isso se deve ao desconhecimento da variedade linguística que forma o português brasileiro.

Esta questão atinge também outros pontos, como por exemplo, os contos orais de certas regiões, as histórias e músicas que fazem parte do repertório de construção de identidade de algumas famílias. Para a autora o aspecto da pluralidade linguística é um aspecto ainda não totalmente contemplado em sala de aula, e por isso continuam sendo entendidos como características de uma determinada cultura considerada inferior.

Melo (2011) cita Terzi<sup>14</sup>(In KLEIMAN, 1995) para falar que as crianças possuem uma prática restrita de letramento e por isso apresentam mais dificuldades para relacionar a oralidade ao processo de leitura e escrita. Não conseguem interpretar textos, apenas decodificam o que leem mecanicamente.

Outro ponto citado por Melo (2011) o que pode contribuir para o insucesso no desenvolvimento das práticas da leitura é que muitas vezes se ignoram as

---

<sup>14</sup> Sylvia Bueno Terzy fez graduação em curso de Letras de Inglês Português pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC- Campinas) em 1969, mestrado em Linguística pela PUC- Campinas em 1977 e doutorado em Linguística Aplicada pela Unicamp em 1992.

características sociais pertencentes à comunidade na qual o estudante está inserido. Nas palavras da autora:

Portanto, as condições sociais devem ser levadas em conta na elaboração de processos cujo objetivo seja a inserção do indivíduo no meio letrado. Respeitando-se as especificidades culturais e linguísticas de comunidades estigmatizadas e levando-as para o contexto escolar, é possível diminuir-se a exclusão social, uma vez que, dominando as práticas de letramento, o indivíduo poderá reivindicar seus direitos embasando-se em documentos oficiais, sabendo quais instituições recorrer, o que mudará suas perspectivas de atuação social. (MELO, 2011, p. 34).

Assim, é preciso que a escola procure nas especificidades que caracterizam a comunidade na qual está inserida uma ferramenta para valorizar o repertório linguístico do aluno, e fomentar o trabalho de letramento literário.

### **3.4- A formação do leitor literário**

O contato com histórias infantis inicia-se muito antes dos bancos escolares. Pode ocorrer através da narrativa de textos, onde algum familiar, pai, mãe, avós ou outras pessoas contam os mais diversos tipos de histórias, que pode ou não vir acompanhado do livro. Segundo Colomer (2007):

Os primeiros contatos com a leitura se produzem, em grande parte, através de formas orais e, inclusive mediante narrativas audiovisuais. Mas também os livros para crianças que ainda não sabem ler são uma realidade bem consolidada na atual produção de literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para as primeiras idades, esses livros penetram nas creches e na fase pré-escolar. É pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária. (COLOMER, 2007, p.52)

Assim, quando chegam à escola as crianças já possuem um conhecimento prévio do que vem a ser a leitura, a escrita e também a literatura já que muitas, de alguma maneira, tiveram contato com histórias que fazem parte dos clássicos universais. Desta forma a escola deve procurar meios de conhecer a história de vida de seus alunos e utilizar como instrumento para a aprendizagem da leitura e escrita. Quando ingressam na escola as crianças já

possuem várias experiências sobre o que é ler. Sobre isso, Gebara<sup>15</sup> (2002) diz que:

Algumas, já estimuladas para decodificar os símbolos e signos que as rodeia, terão seu desenvolvimento ampliado pela possibilidade de atribuir à decifração algum valor. Outras virão de ambientes desprovidos dessa estimulação, nos quais a leitura se identifica apenas com uma atividade necessária e utilitária. Essas diferentes posturas e expectativas, muitas vezes, não são verificadas quando do início da alfabetização. Parece que se descarta a possibilidade de existir alguém que não considere importante esse ato tão essencial para a escola. (GEBARA, 2002, p.22.).

A convivência com textos dentro do ambiente escolar desperta nas crianças vários interesses. Elas passam a observar como os professores tratam esse material, o quanto e como ele é utilizado e de que modo ocorre o contato individual com ele. Para Gebara (2002) esses aspectos influenciam a constituição de uma imagem do que seria a leitura de forma que as crianças vão percebendo qual a função desta na escola.

Entretanto, passada a euforia de ler tudo o que vê pela frente, a leitura passa a ser vista como atividade apenas para o meio escolar. Diante disso a autora coloca que a escola ensina que há recompensas para o que é desenvolvido em sala de aula e que por causa disso a leitura é qualificada como um trabalho imposto e pelo qual se recebe certo reconhecimento. Assim, uma vez que há o reconhecimento dentro da escola, não haveria motivos para continuar a atividade fora dela.

Essa autora também fala de dois tipos de leitura: eferente e estética. Essa diferenciação é feita com base na proposta de outra autora chamada Louise Rosenblatt<sup>16</sup>. Na leitura eferente temos um leitor preocupado com as informações e solução de problemas imediatos. Na estética, a atenção está na experiência vivida durante a leitura, que relaciona o cognitivo com o emotivo. Para estimular a atividade estética é preciso que o professor conheça os

---

<sup>15</sup> Professora do Programa de Mestrado em Linguística e do Curso de Letras, UNICSUL, e do Curso de Linguística, ensino de língua materna, estilística, estudo de gênero textual.

<sup>16</sup> Louise Michelle Rosenblatt foi uma americana professora universitária conhecida por suas pesquisas para o ensino de literatura.

elementos dos textos tais como: “sequência de palavras, o som e o ritmo que elas trazem para o leitor, os contextos de uso dessas palavras, as sugestões conscientes ou não que elas promovem nele, os usos das estruturas tanto no âmbito comum quanto no literário” (GEBARA, 2002, p.26).

Para a autora, os textos literários são objetos privilegiados para a leitura estética e as pessoas envolvidas precisam estar cientes de como os textos literários estão estruturados e como estimulam a relação que transcende o cognitivo e a percepção ampliada da realidade tratada no texto. A organização interna do texto de uma leitura literária deve favorecer o envolvimento do leitor, de forma a dispor o processo cognitivo simultaneamente ao emotivo.

O tipo de leitura a qual o aluno será exposto também vai influenciar no seu gosto pela leitura. Sobre isso Machado<sup>17</sup> (2002) apud Colomer (2007) explica que “o que interessa a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos”.

De acordo com Colomer (2007), o objetivo da educação literária é o de contribuir para a formação da pessoa. A mesma autora diz que quando o aluno tem contato com textos literários distintos é oportunizado o enfrentamento à diversidade social e cultural.

Mortatti<sup>18</sup> (2014) cita que a educação do letramento literário deve ser promovida tanto pelos professores quanto pelos pais e até outros profissionais. Sobre o conceito de Letramento Literário a autora coloca que é uma expressão que está relacionada à “educação literária” e em extensão ao termo letramento vem sendo associada ao processo de apropriação da literatura enquanto

---

<sup>17</sup> Ana Maria Machado é escritora e jornalista brasileira. Autora de livros infantis, foi a primeira desse gênero a fazer parte da Academia Brasileira de Letras. Em 2001 recebeu o Prêmio Literário Nacional Machado de Assis, na categoria conjunto da obra. Um ano antes ganhou o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o prêmio Nobel de Literatura Infantil Mundial.

<sup>18</sup> Maria do Rosário Longo Mortatti é professora Titular da UNESP- Universidade Estadual Paulista. Livre-Docente em Metodologia da Alfabetização (1997). Licenciada em letras (1957), Mestre em educação (1987) e Doutora em Educação (1991) pela faculdade de Educação da UNICAMP. É coordenadora do GPHELLB- Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil, criado em 1994. É presidente Emérita da ABALF- Associação Brasileira de Alfabetização.

construção literária de sentidos. (PAULINO; COSSON, 2009, 67 apud MORTATTI, 2014).

Segundo a autora, o objetivo maior do letramento literário escolar é formar as pessoas, como leitores capazes de se inserir em uma comunidade, e a partir dos elementos culturais construir um sentido para si e para o mundo em que vive. A partir da literatura, o homem poderá apropriar-se de elementos que o façam compreender o mundo real, consolidar-se perante si e os outros e também se estruturar emocionalmente.

O fato de que a escola é predominantemente o local responsável pelo ensino da escrita e da leitura faz com que o debate sobre qualquer fracasso relacionado ao letramento literário e alfabetização recaiam sobre esta instituição. Sobre isso Colomer (2007) nos lembra que:

O debate social afeta em cheio a escola, a quem se pedem contas de sua responsabilidade no fracasso da formação de leitores. Os docentes, culpados e perplexos, coincidem em identificar a nova situação com uma espécie de barbárie, na qual seus alunos, submergidos nas novas formas de cultura, se mantêm indiferentes à mensagem estética da literatura canônica. Então, as saídas ante este diagnóstico se dividem entre duas opções extremas: a de dirigir-se unicamente à minoria, que ainda pode aderir aos antigos valores, ou ainda a de defender que as regras de comunicação estética variaram e que é preciso aceitar a legitimidade dos gostos espontâneos e do jogo imediato a que se tenham acostumado alguns alunos, que estariam mais preparados que seus professores para a função da cultura pós-moderna. (COLOMER, 2007, p. 46).

Neste mesmo sentido Colomer (2007) diz que é preciso considerar “que os hábitos culturais da sociedade não dependem apenas da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma análise mais complexa do fenômeno e na colaboração de diferentes agentes sociais” (COLOMER, 2007, p. 47). A responsabilidade por esta mudança no hábito de leitura não depende só da ação escolar, mas de outras instâncias sociais.

Segundo esta autora o desinteresse pela leitura também tem justificativa em métodos didáticos usados no ambiente escolar. No entanto, “a escola só atua

sobre as leituras que se realizam em seu âmbito com todas as condições e limitações que isto implica”. (COLOMER, 2007, p.47).

Não podemos desconsiderar que o ritmo de vida atual não propicia e nem valoriza atividades que exijam tempo e concentração. Colomer (2007) explica que hoje existe uma função profissionalizante da leitura. Como exemplo, a autora cita o fato de mesmo em ambiente universitário, não ser possível realizar leituras reflexivas de livros complexos. Professores e estudantes têm que conhecer uma vasta bibliografia e o tempo não é suficiente para aprofundar nos debates às leituras.

### **3.5 - Alternativas para se trabalhar a leitura literária**

A atividade de contar histórias é presença cotidiana na vida de todas as pessoas em vários cenários sociais, seja no trabalho, na escola ou em casa. Esta atividade pode oportunizar a ampliação do repertório cultural de crianças e adolescentes, além de incentivar a leitura e a imaginação. Por isso deve ser uma atividade presente tanto na escola como no ambiente familiar da criança. De acordo com Colomer (2007):

(...) a leitura de histórias para as crianças incide em aspectos tais como o desenvolvimento do vocabulário, a compreensão de conceitos, o conhecimento de como funciona a linguagem escrita e a motivação para quem quer ler. Existe um acordo generalizado sobre o fato de que os contos possuem a enorme vantagem de ensinar às crianças a ‘pensar só com palavras’, ou seja, sem apoiar-se na percepção imediata, nem em um contexto presente que lhes permite elaborar um modelo mental do mundo muito mais rico e um vocabulário para falar sobre ele. (COLOMER, 2007, p.105).

A autora explica que quando os adultos ajudam as crianças a interpretar e explorar seu mundo a partir do que lhes foi narrado nos livros incentiva a tendência de imaginar histórias e buscar significados que são próprios da forma como o ser humano raciocina. Ressalta também que, sem livros não há leitura,

porém, não é apenas o contato com os livros que vai fazer uma pessoa ser um leitor. É preciso que este contato tenha um cunho social e afetivo.

Colomer (2007) aponta que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores e que com isso pretende solucionar problemas como a falta de participação sócio familiar, já que, frequentemente não há adultos formando esse entrelaçamento sócio afetivo em casa nem no entorno social.

Assim demonstrou-se a conveniência de um início muito cedo e de uma frequência diária destas práticas; assinalou-se o benefício obtido das histórias contadas (quando as crianças aprendem que o escrito é estável, um conhecimento muito relevante para a representação mental deste tipo de comunicação); e também descreveu com bastante detalhe os traços qualitativos, que caracterizam uma boa interação entre o adulto e as crianças, ou seja, como se deve ler e falar com elas sobre os livros. (COLOMER, 2007, p.106)

De acordo com a autora, meninos e meninas de contextos culturalmente ricos se beneficiam das práticas de leitura compartilhada mesmo antes de saber ler e isso lhes permite extrair maior rendimento escolar dessas mesmas práticas na escola; entretanto, crianças que não têm acesso a esse tipo de ambiente vão demonstrar mais dificuldade.

Outro aspecto que a autora aponta diz respeito a importância “do contágio, da presença de professores ou adultos-chaves no descobrimento e apego à leitura. O que o professor projeta, seja entusiasmo ou decepção sobre uma leitura, vai influenciar diretamente os interesses dos alunos.

A motivação da leitura também é influenciada quando há referências compartilhadas e vividas como um círculo integrado. Como exemplo é possível citar os fenômenos de leitura como Harry Potter.

Três pontos são citados pela autora como importantes neste campo de leitura compartilhada:

- Estimular os hábitos de leitura compartilhada na família
- Assegurar a formação profissional dos docentes nesse tipo de práticas
- Ampliar as rotinas de construção compartilhada e de relação entre leitura e escrita nas atividades escolares e de estímulo à leitura.

Outros aspectos que devem ser observados segundo Colomer (2007) são:

(...) tempo na aula para praticar a leitura individual e rotinas cotidianas para que se “lembrem” que podem pegar um livro e não o controle remoto da televisão; alguém atento em equilibrar seu interesse impaciente pelas histórias, com sua leitura lenta e que lhes facilite dando o significado das palavras novas, sem remeter-lhes à demora do dicionário nesse momento; atividades organizadas em longos projetos de trabalho que deem sentido às leituras escolares, enquanto criam expectativas sobre o modo de ler ou o grau de profundidade requerido; assim como apresentações dos livros que afastem o medo e a dúvida que o texto desconhecido sempre provoca em qualquer leitor, de modo que os comentários do docente ou a leitura de fragmentos pretendam, na realidade, o mesmo que as primeiras linhas de qualquer narrativa: seduzir o leitor para que enfrente o esforço. (COLOMER, 2007, p 110).

Segundo essa mesma autora, a criação de um espaço de leitura individual na escola pode dar a oportunidade de ler a todos os alunos: aos que têm livros em casa e aos que não têm; àqueles que só leriam os minutos dedicados a realizar as tarefas escolares na aula e àqueles que fazem da leitura uma atividade de lazer. Uma leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e de livre escolha é imprescindível para o desenvolvimento competências leitoras.

A forma como será conduzida a atividade de leitura poderá garantir ou não o envolvimento do estudante. Juntos pais, professores, orientadores e alunos engajam-se na construção do conhecimento e na promoção do letramento literário.

#### **IV. A PESQUISA**

A hipótese que temos é que estas famílias não possuem momentos de lazer que tenham relação a atividades que estimulem a leitura literária. Provavelmente não contam histórias para suas crianças, e talvez, as crianças desconheçam as histórias da família. Dessa forma perde-se o vínculo afetivo e o sentimento de pertencimento dessas e por isso muitas famílias passam problemas de relação afetiva, autoridade com seus filhos, além dos problemas apresentados no ambiente escolar como desinteresse pelas atividades escolares, dificuldade em obedecer às regras/ rotina, dificuldade em se concentrar entre outras.

Pode-se afirmar também que um estudante que tem em casa pais que leem, é bem mais fácil para ele desenvolver o gosto pela leitura e escrita, atividades estas que estarão presentes em toda a sua vida escolar.

Os contos populares, histórias da família podem ser considerados uma excelente introdução ao mundo da literatura, já que trazem ao leitor, ao ouvinte, e a quem conta uma história enredos, imagens e temas recorrentes à condição humana, seus conflitos e também estimulam a criatividade, a imaginação.

Para a fundamentação teórica desse trabalho foi feito uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Para a coleta de dados da pesquisa foram pensados questionários e momentos de conversas com os estudantes e entrevista com os seus responsáveis.

Esse trabalho torna-se importante uma vez que o professor deve estar em constante formação e reflexão da sua prática pedagógica e busca por compreender o universo escolar e os modelos de ensino de letramento literário presentes no dia-a-dia de uma escola. Espera-se que a partir do conhecimento e reflexão obtidos seja possível uma reestruturação do saber pedagógico e talvez um novo olhar que contemple questões que estão sendo deixadas de lado ao se ensinar a leitura literária.

#### **4.1- Metodologia**

O presente trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica e análise de situações relacionadas às indagações de professores no que se refere ao hábito de leitura dos estudantes.

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto (Cervo et al. 2007).

Faz –se necessário uma leitura sobre o que já foi publicado em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, revistas, livros, textos, artigos estudados durante o curso. Tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o assunto.

A pesquisa pautou-se pelo enfoque qualitativo realizando uma análise interpretativa das situações aqui descritas. Dessa forma inclui-se na análise relatos e falas tanto dos professores, como de estudantes e seus familiares a respeito do hábito de leitura.

Entende-se, pois, que ao chegar na escola os estudantes não são uma tábula rasa e deveriam possuir conhecimentos narrativos a partir de contos, lendas e histórias que as famílias deveriam contar aos filhos.

Procura-se, assim, viabilizar a construção de práticas sociais de leitura e escrita que sejam significativas para os alunos. Portanto, os dados e reflexões obtidas poderão servir de base para a construção de um novo projeto sobre letramento literário na escola, ou utilizado para a reformulação dos já existentes.

Para os levantamentos dos dados foram feitos alguns questionários para os alunos responderem, e entrevistas com os pais dos mesmos. Também foi pensado um roteiro de perguntas para entrevistar o professor.

Com apoio nos trabalhos de autores como Bruno Bettlheim (1980) buscou-se o referencial acerca da importância dos contos de fadas para o desenvolvimento das crianças. A autora Tereza Colomer (2007) trouxe

embasamento para um breve histórico além da reflexão sobre a importância da literatura na educação escolar.

Os demais autores e o uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais trazem base para reflexão sobre o que está acontecendo na prática e como aperfeiçoar as ações que estão sendo desenvolvidas dentro e fora da escola.

Em seguida, apresentaremos o ambiente escolar e contextualização do meio escolhido para realizar a pesquisa.

## **4.2 - Campo de pesquisa**

Faz-se necessário conhecer a história da escola e um pouco da sua comunidade uma vez que a pesquisa teve interferências durante o processo de realização devido a peculiaridades do ambiente onde seria realizada. Essa caracterização foi obtida a partir da leitura do projeto político pedagógico.

A Escola Classe 511 de Samambaia foi construída em madeira e começou a funcionar antes da inauguração de Samambaia com 8 salas de aula. Em 1991 o número de salas foi ampliado para 17 salas de aula. A escola funcionava com 02 turnos e atendia alunos de do ensino fundamental 1ª a 8ª série nos períodos: manhã, intermediário e tarde.

Em 1995, início da Escola Candanga, com jornada ampliada, a escola passou atender apenas alunos das séries iniciais do ensino fundamental. No final do ano houve eleição para a escolha dos diretores de escola e da escola.

Em 1997 todas as turmas de 1ª à 4ª série foram contempladas com a jornada ampliada e houve nova eleição para a escolha da equipe de direção. Em 1998 houve a transferência provisória para a Escola Classe 317, para reconstrução da Escola. A reinauguração da Escola ocorreu em julho de 1998 com cinco blocos e 18 salas de aula. Em 1999 a escola voltou a atender alunos de 5ª e 6ª séries com uma clientela de mais ou menos 1200 alunos.

Em 2003/2004 A escola passou a atender alunos da educação infantil com idade de 4 e 5 anos. Em 2005 a escola deixou de atender a pré-escola e passou

a atender somente os estudantes de 1ª a 6ª séries. Em 2006 a escola atendeu 960 alunos em turmas de 1ª a 5ª série e necessidades especiais inclusos em classes regulares.

Em 2007, um importante passo para a questão da inclusão se deu quando se inovou o atendimento aos ANEEs, com a implantação de uma Sala de Recursos, com a presença de uma professora de Apoio Especializado dando suporte complementar ao currículo dos ANEEs, aos professores regentes, à escola e às famílias. Novamente passou por escolha democrática de diretores, sendo eleita a atual equipe de gestão.

A escola passou a oferecer Educação Integral para 40 estudantes defasados no ano de 2008, com o objetivo de diminuir a reprovação nas turmas de 5ª séries. Além destas, outras estratégia e medidas foram tomadas. Neste ano a escola passa a ter o Serviço de Orientação Educacional com a presença de um Orientador Educacional.

Em 2009 a equipe de direção é reeleita com a participação da comunidade escolar, e a escola deixa de atender aos estudantes de 5ª e 6ª séries que migraram para o Centro de Ensino fundamental 507 de Samambaia. A escola volta a atender o público de Educação Infantil no lugar das 5ª e 6ª séries. Em 2012 a equipe de gestão passou a ter somente 3 membros (diretor, vice-diretor, supervisor administrativo). Em 2013 iniciou a implantação do Ciclo no 4º e 5º ano. Em 2014 a equipe gestora se reelege mais uma vez.

É recorrente na fala dos professores que os familiares dos estudantes não participam da vida escolar de seus filhos, deixando tudo a cargo da escola. Foi observado que muitos estudantes aparecem com aparelhos de celulares de última geração na escola, porém, não trazem o material básico (caderno, lápis, borracha) para a sala de aula. Outra preocupação dos professores que foi percebida é a de que muitos estudantes não vão às aulas com frequência. E isso atrapalha o andamento de projetos desenvolvidos na escola.

Com relação à leitura, muitos estudantes são encaminhados à sala de Orientação Educacional já que se recusam a fazer atividades propostas. Para fazer essas atividades muitas vezes os estudantes precisam manter silêncio,

concentração e este não é um comportamento presente nos estudantes. Portanto, optou-se por serem informantes da pesquisa os estudantes assistidos pela Orientação Educacional, bem como os familiares responsáveis por eles.

#### **4.3– Análise de dados**

Os dados conseguidos nessa pesquisa foram obtidos a partir de um questionário simples realizado com os estudantes (que eram atendidos pela Orientação Educacional) e relatos desses sobre sua rotina em casa. O objetivo desse questionário era conhecer um pouco da rotina dos estudantes e de seus familiares além de perceber a visão que eles têm de alguns aspectos que envolve a leitura literária.

A partir do questionário respondido por cinco alunos atendidos pela Orientação Educacional percebemos que todos possuem livros em casa. Porém, não foi possível saber o tipo de livro que possuem. Quanto às revistas ou gibis, apenas um respondeu possuir esse material, assim como apenas 03 possuem jornais em casa. Com relação à internet, três possuem e utilizam para ver filmes, pesquisas escolares e jogos. Com relação a eventos ligados a músicas, apenas um aluno disse ter ido assistir um concerto de música clássica e dois foram a shows de outros estilos musicais.

Todos assistem televisão, já visitaram cinemas e teatros (sendo a escola o principal responsável por proporcionar essas visitas). Os cinco estudantes também responderam conhecer histórias de contos de fadas.

O questionário revelou ainda que 04 estudantes que responderam ao questionário tiveram adultos que leram histórias para eles. Todos disseram que em casa algum adulto costuma contar histórias da família, geralmente os pais ou avós. Quando questionados se achavam que a pessoa que era responsável por eles, gostava de ler, três responderam afirmativamente.

É interessante observar que todos estes estudantes, de alguma forma, foram encaminhados ao atendimento da Orientação Educacional por motivo de mau

comportamento em sala de aula, ou/e baixo rendimento escolar. Momentos de leituras estão sempre presentes nas aulas, e exigem concentração e silêncio. Todos os estudantes responderam gostar de ler, mas ao mesmo tempo não demonstram um comportamento condizente ao que responderam nos questionários.

Vamos considerar apenas as falas dos familiares que cuidam dos estudantes que responderam ao questionário. Os relatos e falas que constam aqui foram obtidos a partir da vivência da Orientadora no ambiente escolar em que esta trabalha. Várias convocações foram feitas por telefone, mesmo assim as famílias não se mostravam dispostas a comparecer na escola, mesmo sabendo que o foco da reunião seria o rendimento escolar do filho. Percebe-se que os familiares não gostam de vir à escola para receber reclamação do filho, mas por outro lado, não se mostram interessadas a ajudar o filho a superar as dificuldades.

Aos familiares que comparecem à escola e conversam com a Orientadora educacional é feita uma anamnese<sup>19</sup> e pedido aos parentes que relate a rotina do filho fora do ambiente escolar. Nesse momento, é possível perceber o pouco contato que os filhos têm com os pais ou avós, e que este contato muitas vezes não é prazeroso pois, envolvem situações de muitos conflitos.

Nos finais de semana, alguns pais revelaram que deixam os filhos com outros parentes para poder descansar. Raramente vão ao cinema, parques, contam histórias ou brincam com os filhos. Dizem também não ter tempo para contarem “historinhas” para os filhos e que estes preferem ver televisão ou jogar vídeo game. Todos os familiares foram unânimes em dizer que os filhos não gostam de ler e que preferem estar na rua brincando de jogar bola.

#### **4.4- Resultados**

---

<sup>19</sup> Anamnese é uma entrevista que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma pessoa. Busca relembrar fatos que podem estar relacionados ao problema que a pessoa apresenta.

A partir desse levantamento de dados foi possível perceber que a maior parte das famílias não proporciona aos filhos eventos ligados à literatura, não leem ou contam histórias, não os levam ao cinema e ao teatro.

Também não procuram a escola para saber como está o rendimento e o comportamento dos filhos e como poderiam ajudá-los a melhorar. Quando convocados para uma reunião dificilmente comparecem na data marcada, revelando que não estão interessados nesse aspecto da vida das crianças.

Diante do tempo e do contexto em que a pesquisa foi realizada não foi possível alcançar os seguintes objetivos:

- Identificar o grau de escolarização dos membros das famílias que são responsáveis pela educação e cuidado da criança já que os envolvidos não compareciam à escola para conversar alegando falta de tempo.
- Verificar se a família lê ou conta histórias para as crianças da família. Aqui foi possível perceber que algum familiar conta histórias sobre a família, mas que não necessariamente são os parentes de convivência próxima já que os pais revelaram uma resposta diferente das dos estudantes.
- Apontar quais os tipos de histórias as famílias costumam contar para seus filhos; (que tipo de histórias: clássicos universais, contos, lendas ou histórias de vida de algum parente).
- Não foi possível identificar quais as histórias que os alunos conhecem da própria família, mas sabe-se que algum parente conta essas histórias que envolvem tradições e que geralmente é a avó. Com relação ao tipo de atividade de literatura desenvolvida em sala de aula, não foi possível verificar se em algum momento a história de vida dos alunos estava contemplada.

## V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do avanço tecnológico e do crescente número de fontes de informações a escola continua sendo uma das instituições mais importantes na construção do conhecimento. Esse é um dos motivos que faz com que os familiares deleguem a aprendizagem e educação dos filhos apenas como função da escola.

O trabalho com a leitura literária precisa ser repensado. Esta reflexão precisa envolver outros agentes que estão fora dos muros da escola. É preciso que a família compreenda o papel fundamental que têm na formação de seus filhos e mais que isso, que assumam esta responsabilidade.

A partir da reflexão que este trabalho proporcionou a ideia de que a participação da família na vida escolar do aluno faz toda a diferença foi corroborada. A família é a primeira referência que a criança percebe como sociedade. Se esta mesma família valoriza momentos relacionados à leitura, busca momentos de lazer que envolvem outros cenários artísticos como visitar exposições, museus, cinemas e teatro o filho provavelmente vai aprender a apreciar este tipo de arte. Assim como crianças que provêm de um ambiente onde a leitura é importante, também na escola, vai apreciar momentos com este tipo de atividade.

Outro aspecto que foi possível observar é que apesar do ambiente familiar na maioria das vezes, não proporcionar momentos de lazer que envolvam a prática do letramento literário, ainda assim os alunos dizem se interessar pela leitura. Talvez refletir sobre como melhorar estes momentos na escola, pode fazer com que muitos estudantes desenvolvam o gosto pela leitura.

Não é fácil mudar, mas tentar mostrar para a família como esta pode contribuir, com a própria história de vida é uma possibilidade de envolver e valorizar o conhecimento prévio que os estudantes possuem ao entrar na escola. O professor também precisa reconhecer-se e valorizar o seu papel de sujeito ativo e transformador da realidade e para tanto faz-se necessário um enfrentamento do contexto educacional através de uma atitude questionadora e reflexiva.

O ensino da literatura em ambiente escolar ainda é um desafio. Diante disso é preciso que sociedade, família e escola realizem um verdadeiro trabalho em equipe.

Mais que ensinar a ler e escrever é preciso formar para o letramento literário. Cabe à escola proporcionar aos estudantes uma leitura prazerosa, e também, lembrar aos familiares que eles também têm responsabilidades para com a vida escolar dos estudantes.

Espera-se a partir dessa pesquisa melhorar a prática relacionada ao tipo de atendimento oferecido pela Orientação Educacional nas escolas públicas, buscando uma nova abordagem de trabalho.

A partir do conhecimento sobre o ambiente familiar dos estudantes e a existência ou não de uma família narrativa, o Orientador Educacional poderá intervir com projetos interdisciplinares junto a outros professores trabalhando dessa forma o Multiletramento e o Letramento Literário dos estudantes. Também poderá orientar a família para que auxilie seus filhos em suas dificuldades tanto no ambiente escolar como fora dele, ajudando no desenvolvimento de um cidadão crítico e participativo.

## **VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa.

Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SED, 1998.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro A; SILVA Roberto da. **Metodologia científica**; 6ª edição; São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2007.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: A leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola**: leitura e análise de poesia para crianças. São Paulo: Cortez, 2002.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. Trad. Carlos Rizzi; São Paulo: Summus, 1980.

MELO, Rosária Duarte. **Poesia popular em sala de aula**: O Letramento sob uma perspectiva interdisciplinar. 2011.155 f. Tese (Mestrado). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília. 2011.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **In the history of literature teaching in Brazil**: problems and possibilities for the 21st century. Educ. ver. Curitiba, n. 52 p. 23-43, jun. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 24 de outubro de 2015.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leituras para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004.

TAHAM, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.